

Tecnologia a serviço da arte

Na sua 12ª edição, o Videobrasil – Festival Internacional de Arte Eletrônica provou que o encontro entre artistas e parafernálias eletrônicas pode resultar na produção de uma linguagem ágil e inovadora sem perder a poesia



Acima, cabine automática do canal 21. Na página ao lado a performance O Gabinete de Chico, do grupo Chelpa Ferro

Fotos: Arnaldo Torres

Vídeoarte, animação, ficção, documentário, CD-Rom, novas mídias, festival de arte eletrônica? Aos últimos resistentes da era tecnológica esses nomes ainda causavam certo estranhamento. No entanto, a profusão de belas imagens que invadiram a cidade no 12º Videobrasil fez qualquer herói da resistência repensar sua posição. De 22 de setembro a 11 de outubro, as unidades Pompéia, Vila Mariana e Ipiranga receberam artistas de diversas partes do mundo para difundir seus trabalhos em suporte eletrônico. Entenda-se por suporte eletrônico todo e qualquer instrumento tecnológico usado para imprimir um trabalho pessoal. "O festival serve como um espaço de experimentação, um lugar que aponta o audiovisual do futuro. Esses artistas experimentam algo novo para a obra de arte. Mostramos o trabalho que será convencional daqui cinco ou dez anos", define Solange Farkas, curadora do evento desde sua primeira edição. Muito além dos efeitos e facilidades que esse tipo de suporte pode oferecer, os artistas que estiveram no 12º Videobrasil colocaram as "assustadoras" parafernálias modernas a serviço da criação.

A TRAJETÓRIA DO VÍDEO

O Videobrasil - Festival de Arte Eletrônica nasceu junto com a produção de vídeo no país. Sua primeira edição aconteceu em 1983 e surgiu da necessidade de identificar e mapear a produção de novos artistas no Brasil. Até o começo da década de 90, o festival cumpriu esse papel: lançar as pessoas no circuito de vídeo e alavancar a produção nacional. Entretanto, por se tratar de uma mídia eletrônica que, como tal, acompanha o desenvolvimento da tecnologia, foram necessárias adaptações para que o Videobrasil não perdesse o caráter vanguardista. Hoje, falar em Videobrasil é



fazer referência a um dos principais festivais de arte eletrônica do mundo. "Tivemos que ampliar as possibilidades para os artistas brasileiros", explica a curadora, que se encarregou de descobrir mundo a fora o recorte que seria capaz de sensibilizar pessoas das mais diversas nacionalidades a se interessarem pelo Brasil. E qual seria? "Nesses dois anos de pesquisa percebi que o circuito internacional não tem a menor resistência à vídeoarte latina. Muito pelo contrário. Simplesmente não conheciam porque nunca ninguém tinha apresentado."

Embora tenha curta duração e só aconteça a cada dois anos, seus resultados são concretos e duradouros. Fundamentalmente existe o interesse de conquistar espaços na mídia, em galerias, formar um público que absorva a linguagem audiovisual e ainda servir de ponte entre os artistas brasileiros e o resto do mundo, entre a produção nacional e o mercado internacional.

Para que todos esses resultados sejam alcançados, a organização do evento cuida para que o corpo do festival seja composto por pessoas que tenham papel fundamental no circuito mundial de vídeo: programadores de tevê, curadores de museu, diretores de escolas, enfim, pessoas a que dificilmente os artistas

teriam acesso e que podem distribuir a produção nacional para o mundo.

Vídeoartistas como Sandra Kogut e Éder Santos são dois exemplos do intuito do festival. Dedicada à criação de performances, instalações e obras em vídeos, Sandra é hoje identificada como uma voz pioneira no país. No começo da década de 90 começou a trabalhar com multimídia e desde então já participou da produção de programas inovadores da televisão brasileira como o *Brasil Legal*, da Rede Globo. Já Éder Santos, depois de ter sido premiado três vezes no Videobrasil, vem se consagrando como um dos nomes mais respeitados no circuito mundial de vídeoarte. Além de transitar em museus e festivais do mundo inteiro, Éder é responsável pela produção artística em videoclipes de importantes músicos brasileiros. "Todas as pessoas que fizeram carreira no exterior foram apresentadas ao público pelo festival. Esse é o nosso principal objetivo. Promover esse encontro. Este ano, por exemplo, trouxemos Steve Seid, diretor do Pacific Film Archive na Califórnia e um dos principais curadores de vídeoarte no mundo. O festival nem tinha acabado e já havia recebido seu pedido para que eu lhe enviasse alguns vídeos a que ele assistiu aqui e que pretende distribuir por



Acima, pessoas de todas as idades se divertem na cedetecca; ao lado, a performance *Foira do Ar*, de Fabio Itapura e Gisela Domnaschke e, na extrema direita, o vencedor do concurso de animação, Carlos Eduardo Nogueira criando mais uma história

lá", comemora Solange, diante de mais um objetivo cumprido.

UM FESTIVAL ITINERANTE

Pela primeira vez desde sua edição inicial em 1983, o Videobrasil foi realizado em três locais distintos. Cada uma das unidades que recebeu o festival colocou à disposição do público uma programação inédita, com a qual foi possível acompanhar a criação de vários artistas ao redor do mundo.

O circuito do festival começou no Sesc Pompéia entre os dias 22 e 27 de setembro. Para inaugurar o 12º Videobrasil, a área de convivência da unidade foi invadida pela instalação *Deposito dell'Arte*, do italiano Fabrizio Plessi. Definida pelo próprio artista como a "reunião de doze obras que representam doze viagens, doze locais, doze idéias, doze etnias e uma só arte, contaminada de tecnologia mas também de expressão, cultura e materiais locais. O trabalho do Videobrasil mostra todas as possibilidades que um grande artista pode explorar na América do Sul", diz o artista italiano.

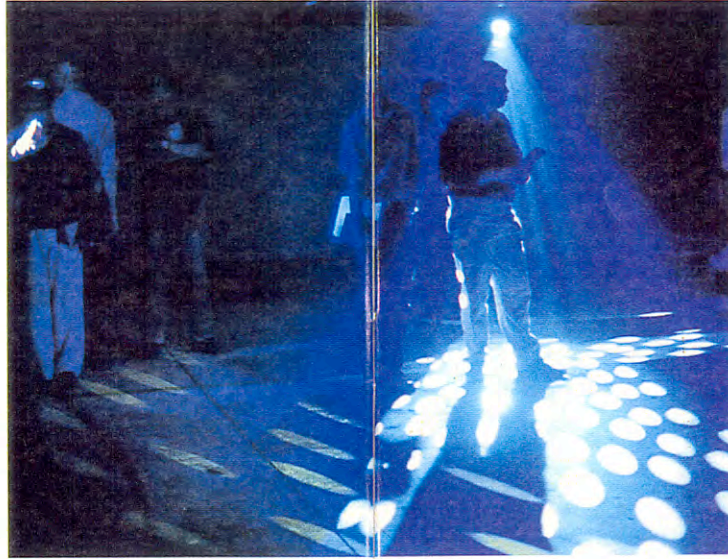
Para Cristina Madi, gerente-adjunta do Sesc Pompéia: "Os mais diversificados públicos que recebemos na unidade responderam positivamente não só à instalação mas também a toda programação do festival."

TORRE DE BABEL

Outro grande destaque da semana na unidade Pompéia foi a mostra competitiva. Uma fruto da minuciosa pesquisa que a curadora Solange Farkas realizou durante dois anos, a mostra agregou centenas de trabalhos enviados por artistas do Brasil e de diversos países. Alguns desses lugares, apesar da distância enorme com o circuito convencional de videoarte, revelou gratas surpresas ao expor a autenticidade transferida para as obras.

Os países com mais inscrições depois do Brasil foram Austrália e Argentina. Também se inscreveram artistas do Peru, Israel, Mali, Índia, México, Eslovênia, Uruguai, Chile, Líbano, Croácia, Coreia do Sul, Nova Zelândia, Indonésia e Porto Rico.

À primeira vista pode-se estranhar a ausência de países do Oeste Europeu e dos Estados Unidos, mas a exclusão foi proposital. A grande isca para atrair outros olhos para o festival foi justamente promover uma mostra com produções de países que não circulam no circuito convencional. "É por essa razão que a mostra competitiva é específica para o hemisfério sul. Na verdade um hemisfério sul social-político, e não geográfico. A periferia que é social, não cultural", explica Solange.



Além da mostra competitiva, que distribuiu prêmios em dinheiro aos três primeiros classificados, o festival premiou também a melhor animação em CD-Rom. O vencedor foi o universitário paulista Carlos Eduardo Nogueira, que vai a Paris realizar um velho sonho: estagiar na famosa produtora Ex-Machina. "Não acreditei que seria selecionado para participar do concurso e muito menos que venceria. Há muito tempo assisti a um programa na TV Cultura que apresentava os trabalhos realizados pela Ex-Machina." Carlos venceu o concurso com a animação *Catálise*, cuja história se desenrola num deserto onde a personagem Darla se encontra perdida, sem gasolina, sem telefone, sem Internet. Abandonada pela tecnologia, só lhe sobra a companhia de estranhos seres das areias. Para o estágio, o estudante pretende levar um projeto que será animado na produtora.

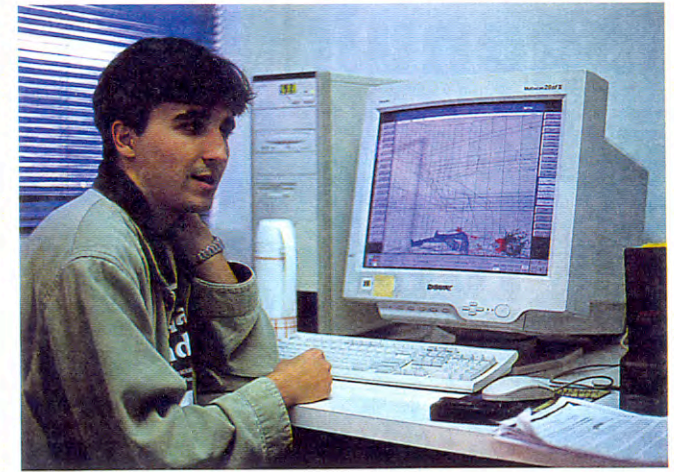
Pela primeira vez acolhendo o Videobrasil, as unidades Vila Mariana e Ipiranga confirmaram o papel de importantes centros irradiadores de cultura. "A ampliação do Videobrasil para o Ipiranga e para o Vila Mariana mostra o crescimento dessa importante atividade cultural que abre espaço para toda a produção feita em suporte eletrônico", analisa Eglá Monteiro, coordenadora de programação do Sesc Ipiranga.

Nas duas unidades o evento foi aberto com a exposição fotográfica *Making of Deposito dell'Arte*, na qual o fotógrafo Cristiano Mascaro registrou todo o processo de execução e de instalação do *Deposito dell'Arte* no ambiente do Sesc Pompéia.

Um minuto de criação

O comentário pode parecer um pouco delirante para quem o ouve e não sabe do que se trata. "Sinceramente, os paulistanos não têm o que reclamar de sua cidade". Ok, os caros leitores não devem estar concordando, afinal, o que não falta na nossa gigantesca selva de pedra são problemas. A explicação: o comentário, tão otimista, foi corriqueiro entre os "videomaníacos" que embriagaram-se por seu objeto preferido – vídeos, vídeos e mais vídeos. Depois da grandiosidade do Festival Internacional de Arte Eletrônica, começa em novembro o Festival do Minuto, que este ano ganhou o nome de Minutão.

Nascido em 1991, o festival surgiu com o intuito de fazer qualquer pessoa, desde a mais leiga até a mais profissional, entender e se apaixonar pela poesia das telas.



No Sesc Ipiranga, a performance *Foira do Ar* abriu a semana de arte eletrônica. No Vila Mariana, a abertura foi realizada pela performance *Antirrom*, do grupo inglês que leva o mesmo nome. "Nossa unidade se identifica muito com a proposta do festival. Entre as nossas ativida-

des cotidianas trabalhamos muito a questão da tecnologia. Temos o centro multimídia e o centro musical que é todo informatizado. Foi muito importante para uma unidade tão nova receber um evento desse porte", pontua Marcos Laurenti, chefe de programação da unidade.

Entre performances, mostras, palestras e instalações, a cedetecca e a cabine de gravação automática do Canal 21 foram uma das grandes atrações de ambas unidades. Pessoas de todas as idades passavam o tempo todo se divertindo com as mensagens que gravavam na cabine automática, na esperança de que a imagem fosse selecionada para ser veiculada durante a programação da emissora. Na cedetecca as crianças também se deleitavam com os CD-Roms. "Um evento deste tamanho, com tanta gente participando, só foi possível porque encontrei na filosofia do Sesc o acolhimento necessário para organizar toda estrutura que precisici", sublinha a curadora.

Se em tempos modernos uma imagem vale mais que mil palavras, o formato do Minutão absorveu os preceitos da atualidade: o tempo de cada vídeo deve durar exatamente um minuto. "O formato do vídeo faz com que as pessoas exercitem o poder de síntese. Nesse festival as idéias se sobrepõem ao processo de produção. A exibição desse tipo de trabalho é muito importante", diz o organizador do festival, Marcelo Masagão. Além de difundir mais esse tipo de produção em suporte eletrônico, o Sesc trabalha também para a criação de um público que absorva essa linguagem. "Mais do que apresentar os trabalhos, o Sesc promove workshops que permitem que as pessoas entrem em contato com a linguagem audiovisual". Vídeos do mundo inteiro participam do festival, que está previsto para a última semana de novembro.

Em sua 12ª edição, o Videobrasil – Festival internacional de Arte Eletrônica vem contribuindo para que artistas brasileiros e estrangeiros ganhem voz na difícil empreitada de mesclar a tradição das artes com a modernidade da linguagem audiovisual. (saiba mais sobre o 12º Videobrasil visitando o HotSite do Sesc On Line: <http://www.sescsp.com.br>) ■